

ESPAÇO TEMPO ESCOLAR: DA ESCOLA COMUNITÁRIA À ESCOLA EM TEMPO INTEGRAL

Andréia Neiss¹

Maria Preis Welter²

RESUMO: O presente artigo tem como principal objetivo analisar a trajetória do espaço tempo escolar, suas diferentes formas de estruturas, arquiteturas, localização e tempos pedagógicos, da escola comunitária à escola em tempo integral. O estudo justifica-se pela importância e necessidade de conhecer a memória da escola para a compreensão do processo historicamente construído e o entendimento da organização atual, com a possibilidade de sonhar e projetar a escola do futuro. Também lança olhar para o passado da escola e dos tempos e espaços que a envolveram e estabelecer uma relação crítica para entender melhor o presente e projetar o futuro, ou seja, buscar elementos que nos ajudam na compreensão da organização espaço-temporal no processo ensino-aprendizagem. Assim surge um questionamento: os espaços e os tempos escolares organizados pelos adultos são pensados e organizados de modo a garantir as especificidades das crianças e adolescentes que a frequentam? A organização do espaço e do tempo escolar não pode ser entendida como elemento neutro, sendo uma construção social, esta expressa as relações sociais e de aprendizagem que neles se desenvolvem. Acredita-se que a organização do currículo, dos níveis (anos, ciclos), ano letivo, a prática pedagógica, as metodologias, as relações que se estabelecem, o uso do tempo nas atividades em sala de aula e nos projetos, a organização dos espaços e a arquitetura interferem no processo de desenvolvimento e ensino-aprendizagem. A metodologia do trabalho apresentado é de pesquisa bibliográfica e de campo, elaborada a partir de livros, artigos de periódicos e material disponibilizado na *internet*, bem como realizada com pessoas de diferentes vivências na esfera da educação.

Palavras-chave: Espaço; Tempo; Escola; Ensino-aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda o tema **Espaço tempo escolar: da escola comunitária à escola em tempo integral**, ou seja, a trajetória do espaço tempo escolar de Porto Novo, atual Itapiranga. O trabalho propõe pesquisar as principais mudanças relacionadas ao espaço e tempo das escolas desde a criação de Porto Novo até a atualidade. O trabalho tem como objetivo analisar a trajetória do espaço tempo escolar, suas diferentes formas de estruturas, arquiteturas, localização e tempos pedagógicos do passado e presente.

Assim, a pesquisa tem a intenção de possibilitar uma visão maior acerca das mudanças no espaço tempo escolar, desde a arquitetura ao que se ensina e aprende.

¹ Acadêmica do 8º semestre do curso de Pedagogia, e-mail: neiss_andreia@hotmail.com

² Mestre em Educação, Coordenadora e professora do curso de Pedagogia da FAI Faculdades, e-mail: pedagogia@seifai.edu.br

O estudo justifica-se pela importância e necessidade de conhecer a memória da escola para a compreensão do processo historicamente construído e o entendimento da organização atual. Também se pretende olhar para o passado da escola e dos tempos e espaços que a envolveram e estabelecer uma relação crítica para entender melhor o presente e projetar o futuro, ou seja, buscar elementos que nos ajudam na compreensão da organização espaço-temporal no processo ensino-aprendizagem.

Assim surge um questionamento: os espaços e os tempos escolares organizados pelos adultos são pensados e organizados de modo a garantir as especificidades das crianças e adolescentes que a frequentam? A organização do espaço e do tempo escolar não pode ser entendida como elemento neutro, sendo uma construção social, esta expressa as relações sociais e de aprendizagem que neles se desenvolvem.

Acredita-se que a organização do currículo, dos níveis (anos, ciclos), ano letivo, a prática pedagógica, as metodologias, as relações, o uso do tempo nas atividades em sala de aula e nos projetos, a organização dos espaços, a arquitetura interferem no processo de desenvolvimento e ensino-aprendizagem.

Para todo tipo de trabalho investigativo é necessário seguir alguma metodologia previamente pensada. Para a concretização deste trabalho utilizou-se de pesquisa bibliográfica e de campo, realizada com pessoas de diferentes vivências na esfera da educação. Diversas entrevistas, com horários previamente agendados, até por se tratar de pessoas aposentadas ou com cuidados específicos como horários de trabalho entre outras.

A pergunta que se refere ao contexto deste trabalho: o que se entende por espaço e tempo escolar? Sobre o assunto abordado, Assmann (2007, p. 234) nos diz que “o bom uso pedagógico do tempo consiste na transformação dos tempos cronológicos, mesmo com a ajuda da compactação desses tempos pela mídia eletrônica, em tempos vivos da experiência do conhecimento”.

O trabalho aborda diferentes períodos dentro da educação. O estudo também traz a importância da busca por algo melhor, de maior qualidade, um ensino adequado para os discentes das escolas. Trata também da necessidade de mudanças, ampliação da estrutura física, do currículo e do tempo de permanência dos alunos nas escolas. São chamadas de escola com programas de tempo integral, que tem o papel de ampliar o tempo e espaço escolar das crianças e adolescentes.

2 TEMPO ESPAÇO ESCOLAR

Toda atividade humana se realiza num determinado espaço e tempo. Várias são as problemáticas que necessitam de reflexão nos vários espaços-tempos existentes, entre eles: espaço tempo pedagógico e espaço-tempo escolar.

Somos desafiados a refletir sobre o espaço-tempo na educação. Assim surgem questionamentos tais como: Qual a concepção de tempo? O que é tempo pedagógico? Qual é o entendimento de espaço escolar? Qual a relação entre tempo e espaço escolar?

Para que se possa chegar ao entendimento do termo tempo e espaço escolar, é preciso ter um entendimento, primeiramente, sobre o que é tempo e espaço. Depois saber que este se constitui no lugar escola.

Falar de tempo e espaço escolares exige uma definição do que se entende por tais conceitos e que concepções estão aí envolvidas. Tanto o termo “tempo” quanto o termo “espaço” têm definições diversas e os profissionais de várias áreas, como historiadores, psicólogos, sociólogos, antropólogos, pedagogos, arquitetos, etc., ocuparam-se em definir e dar-lhes sentido. (PINTO, 2007, p. 105)

Assim, torna-se fundamental ao educador a reflexão e a compreensão desses elementos, que são essenciais e que perpassam o todo da formação escolar.

Como salienta Assmann (2007), nosso compromisso enquanto educadores é proporcionar experiências de aprendizagem prazerosas, entrelaçando processos vitais e cognitivos. Pois viver é essencialmente aprender. Educar é proporcionar condições de acesso a vivências aprendentes; é criar clima favorável em que todos possam sentir-se em estado de aprendizagem, em nichos acolhedores; é comprometer-se com a dinamização da convivência com o outro e tornar o espaço cada vez mais congruente. O tempo pedagógico pouco tem haver com horas que crianças, jovens e adultos passam na escola, em suas salas de aula ou em ambientes desta.

Ainda sobre o assunto abordado, Assmann (2007, p. 234) nos diz que “o bom uso pedagógico do tempo consiste na transformação dos tempos cronológicos, mesmo com a ajuda da compactação desses tempos pela mídia eletrônica, em tempos vivos da experiência do conhecimento”. É preciso, além disso, tempo para formação de professores, os quais estarão atuando diretamente com os alunos em sala de aula, e por que não fora dela também? De encontro a esta questão, Veiga (1995, p. 30) nos esclarece:

É preciso tempo para que os educadores aprofundem seu conhecimento sobre os alunos e sobre o que estão aprendendo. É preciso tempo para acompanhar e avaliar o projeto político-pedagógico em ação. É preciso tempo para os estudantes se organizarem e criarem seus espaços para além da sala de aula.

Para tanto, é de fundamental importância desenvolver a prática de “sentar” para conversar com alunos e pais, para conhecer sobre a vida escolar e familiar, trocar experiências e informações, objetivando a formação integral. Também cabe, principalmente aos gestores e

professores, conhecer o projeto político-pedagógico, afinal são as metas, os objetivos e os métodos de avaliação que neste documento constam que nortearão o trabalho do educador.

Os espaços internos e externos da escola se constituem em aspectos importantes no processo ensino-aprendizagem. Porém, para alguns, espaço escolar se reduz na sala de aula com mesas e cadeiras enfileiradas, onde diariamente a rotina se repete. No entanto, espaço escolar vai muito além da sala de aula, abrange múltiplos espaços internos e externos.

Um dos fatores em que mais se percebe a mudança, desde tempos passados até hoje, é quanto à arquitetura das escolas. Atualmente, as construções, bem como assuntos abordados em sala de aula, são recentes. Mas sabemos que o espaço precisa ser melhorado para atender as diferenças e tornar-se acolhedor, de interação e aprendizagem.

Contudo, sabe-se que a organização do ambiente é fruto da concepção que se tem de educação escolar e que esta influência se dá de forma direta no processo ensino-aprendizagem. Assim, a “especialização” disciplinar é parte integrante da arquitetura escolar e se observa tanto na separação das salas de aula (graus, sexos, características dos alunos) como na disposição regular das carteiras (com corredores), coisa que facilitam além disso a rotina das tarefas e a economia de tempo. Essa “especialização” organiza minuciosamente os movimentos e os gestos e faz com que a escola seja um “continente do poder”. (ESCOLANO, 1998, p. 27 e 28) Para tanto, é preciso reorganizar o espaço para sair do tradicional, tornando a escola num verdadeiro laboratório de convivência e de construção de conhecimentos.

Os espaços disponíveis, principalmente aos alunos, deveriam ser por natureza limpos, frescos, cheios de luz, agradáveis. Desta forma, proporcionando o prazer e a alegria de estar no ambiente escolar, incentivando o cuidado do mesmo.

[...] a arquitetura escolar pode ser vista como um programa educador, ou seja, como um elemento do currículo invisível ou silencioso, ainda que ela seja, por si mesma, bem explícita ou manifesta. A localização da escola e suas relações com a ordem urbana das populações, o traçado arquitetônico do edifício, seus elementos simbólicos próprios ou incorporados e a decoração exterior e interior respondem a padrões culturais e pedagógicos que a criança internaliza e aprende. (ESCOLANO, 1998, p. 45)

A forma da arquitetura já constitui um aprendizado para o aluno. Ela precisa consistir em algo chamativo para a criança, um lugar onde seja possível o desenvolvimento como um todo, ou seja, de formação integral.

Contudo, a escola precisa criar e recriar condições para que os aprendentes (professor e aluno) possam se sentir em estado de apaixonamento por aquilo que proporcionar-lhe-à vida. A escola não pode cometer o crime de anular a dinâmica vital de desejos de vida, transformar

os aprendentes em meros receptáculos instrucionais, pensando apenas na transmissão de conhecimentos prontos e acabados. (ASSMANN, 2007). Consideramos que existe um interminável caminhar construtivo de tempos-espços de convivência e significativos contextos de aprendizagem.

2.1 O ESPAÇO TEMPO DA ESCOLA COMUNITÁRIA

As pessoas que viveram nos primórdios da colonização de Porto Novo (1926 – em 1929 o nome foi alterado para Itapiranga) passaram por muitas dificuldades. Naquela época era tudo mato, e o povo que colonizou esta terra organizou-se em mutirões para a construção de hospitais, escolas, sedes sociais, estradas, igrejas.

Todas as comunidades priorizavam ter sua escola, e em estilo de Igreja Católica, devido ao enorme sentimento religioso. Cabia aos pais das crianças (alunos) ajudarem na sua construção, bem como, da casa do professor.

Entrevistamos uma senhora com noventa e dois anos de idade, aluna do tempo das escolas comunitárias. Segundo ela, seus pais sempre priorizavam para que seus filhos lutassem por seus objetivos. Quando chegou a época em que a aluna tinha idade escolar, moravam numa fazenda em São Paulo, sem acesso à escola. Não restou outra alternativa a não ir em busca de outro lugar que tivesse em sua constituição uma escola católica. Vieram a Itapiranga, mais precisamente Linha Ipê Popi, onde de fato encontraram a escola que procuravam há bastante tempo. Nos primeiros tempos, a aula era ministrada na Igreja, já que não havia lugar próprio para servir de escola. Mais tarde foi construída a escola de arquitetura simples, com madeira retirada do mato, trabalho este realizado pelas pessoas da comunidade, como escreve Eidt (1999, p. 11):

A estrutura escolar envolveu toda a comunidade, que, inicialmente, implantava em locais estratégicos, as Schulkapelen. Os colonos, após verem superadas as dificuldades iniciais de compra, legislação e estruturação das propriedades, assumiam a instrução elementar, lutando pela construção da escola e da moradia para o professor e pelo pagamento de mensalidades, para mantê-lo.

Naquele tempo, para ser professor comunitário era necessário ter vocação, pois o magistério era considerado mais que uma profissão. A escola era considerada uma extensão do convívio familiar. Isto se pode também observar na arquitetura da casa, quando comparada com a da escola.

O professor era pago pelos pais das crianças em idade escolar. Além disso, os pais tinham a responsabilidade de preparar uma pequena área de terra, a fim de servir para o professor cultivar seus alimentos e ter mais uma fonte de renda. Tudo acontecia na colaboração e na cooperação.

Na escola deveria ser ensinado a escrever, calcular, ler e inclusive estudar o catecismo nas aulas de religião. E tudo isso no idioma alemão. De acordo com Rohde (1996, p. 15), nos seus escritos:

“Todo o começo é difícil”. Esta é a primeira frase completa que aprendi a ler na cartilha que, eu, como tantos outros pequenos alunos de alfabetização, carregamos com muito orgulho em nossas mochilinhas quando, um pouco temerosos, fomos levados para a escola onde *“beberíamos da fonte da sabedoria”*. Muito mais importante, para nós, no entanto, se apresentava para nós a fatia de pão besuntado de manteiga e coberto de açúcar ou, aqui nas colônias teuto-brasileiras, acompanhado de um belo naco de salame, que nossas mães, carinhosamente, haviam colocado na mochila como merenda, muito necessária, aliás, para manter a energia dos pequeninos que haviam acompanhado corajosamente os mais velhos no longo caminho para a escola. Muitos precisavam mais de hora para chegar ali.

Mas o professor não tinha incumbências apenas dentro de sala de aula. Ele tinha a obrigação também com outras tarefas como, ir às missas e cultos todos os domingos para averiguar qual de seus alunos estava lá; se tivesse alguma briga ou discordância na questão de limites de terra, era o professor que tinha de resolver estes problemas; se caso acontecesse algo fora do normal em sua comunidade envolvendo um de seus alunos, no primeiro encontro, caberia ao professor castigá-lo publicamente para fazê-lo temer realizar este ato novamente. Eram castigos físicos como açoites, por exemplo, a fim de cortar o mal pela raiz. Conforme Eidt (1999, p. 3):

Obtidas as informações, partia-se para a ação. O professor exaltava os comportamentos irreprimíveis e imunes aos xingamentos e punia os desertores. A penitência, aplicada compulsoriamente era em conformidade a crueza dos fatos. A ausência ao culto ou missa dominical era punida mediante a recuperação dos ensinamentos da Bíblia e do catecismo feitos no recreio e períodos pós-aula; brigas entre colegas implicava no reestabelecimento da paz através do pedido de perdão público. Roubo pequenos exigiam um pedido de perdão e roubos maiores deveriam ser devolvidos.

Ainda, conforme a senhora entrevistada, *“na época em que eu frequentava a escola o professor tinha sempre a varinha do lado da mesa e quando que o padre vinha celebrar missas, antes da aula começar, ele também batia, caso achasse que haveria porquê”*.

Naquela época, sexo era tabu, sendo que, ninguém tinha exata explicação sobre. Por isso o número elevado de filhos por casal, o que assegurava mais alunos por escola. O homem ficava muito satisfeito em saber que a esposa se encontrava grávida novamente, isso era motivo de

orgulho. Eram até premiados pela façanha. Tanto se orgulhavam, pelo fato de serem estimulados a isso. De acordo com Eidt (1999, p. 31)

A preocupação com as taxas de natalidade era uma constante. Os padres invariavelmente incentivavam o aumento da natalidade. As famílias com poucos filhos e os jovens que por razões diversas optassem pelo celibato (não-vocacionado) eram constantemente repreendidos. A tradição de família numerosa acompanhou a imigração alemã no Brasil e, após isto, nas migrações internas.

Como a mulher, exclusivamente na gravidez, deveria cuidar ao máximo com os trabalhos que envolviam maior peso e outros cuidados necessários, era o pai quem tinha de garantir todo o sustento da família. E com todo incentivo quanto a aumentar o seu grupo familiar, mais pão tinha de ser posto na mesa.

Os filhos maiores acompanhavam o pai para auxiliarem nas tarefas fora de casa. Existia sempre um serviço que pudessem realizar. Tinham um tempo “livre”, das inúmeras tarefas, apenas para estudar e a noite para descansar. Naquela época, escola era considerada apenas um espaço próprio para alfabetização. Nela aprendiam o básico, como ler, escrever e calcular. A escola comunitária era destinada apenas para alunos(as) maiores e não para os pequenos da pré-escola, que nem existia na época, até porque não havia estrutura mínima necessária para atender a demanda.

Ainda, segundo a entrevistada, “o tempo destinado para as crianças aprenderem era de quatro anos, o que seria 1ª, 2ª, 3ª e 4ª série. Mas, como as classes eram multisseriadas – todas as turmas juntas na mesma sala – fiz 2 anos em 1, porque tinha facilidade de aprender. As aulas iam de fevereiro a dezembro, como ainda é hoje. Assim, permaneci naquela escola só por 2 anos. Percebe-se que naquela época já existia a promoção por merecimento. Ainda destaca “Cada dia tinha a primeira aula reservada para se ensinar e aprender religião. E tudo em língua alemã. No início era ensinado religião, ler, escrever e calcular, além de cantos, teatro, música. Essas questões todas eram atribuídas a um mesmo professor”.

A entrevistada ainda salienta que “enquanto brincávamos, era feita a separação entre meninas e meninos. De jeito nenhum poderiam permanecer juntos no mesmo grupo”.

Considerando o espaço tempo escolar destinado ao ensino da leitura, da escrita, do cálculo e do catecismo, estariam os professores, alunos e comunidade preparados para uma significativa mudança?

2.2 O GOVERNO ASSUME A EDUCAÇÃO ESCOLAR

Aconteceu de que, na educação, a partir de maio de 1938, o Estado assumiu pleno poder. Período conhecido como estatização das escolas. Os professores não eram mais escolhidos na comunidade como sempre havia sido feito, e sim submetidos a exames e concursos, realizados somente em Chapecó, para assim ser denominado professor.

Santa Catarina não dispunha de professores em número suficiente para todas as escolas, em 1938. Então, ofereceu aos ex-professores coloniais, desde que fossem nascidos no Brasil, um concurso de provas e títulos para ingressar no magistério público estadual. As provas ocorreram em Chapecó, depois de um curso de preparação em Mondai. O teste consistia basicamente na verificação da capacidade do professor em falar e ministrar aulas em português. Quase todos foram aprovados, porém, foram escalados para lecionar em lugares de acesso difícil, muitas vezes impossível e, às vezes, até inexistentes. (JUNGBLUT, 2011, p. 262)

O povo que não aceitou a mudança negou-se a abrigar esses novos professores, tanto em suas casas como também em sua comunidade. Outra ordem que não agradou nem um pouco a população de Porto Novo, de origem de alguns lugares da Alemanha e do Rio Grande do Sul, foi de que não poderia mais ensinar as crianças a língua alemã. Agora, já que faziam parte de outro lugar, deveriam se adequar a tal. Restou então a todo povo se acostumar com a língua portuguesa para conversas e ensinamentos.

Entrevistamos um senhor que nasceu no ano em que o governo assumiu a educação escolar, ou seja, em 1938. Este conta que no interior as mudanças não ocorreram em passos iguais as que ocorreram nos centros maiores. Sua vida escolar começou em 1946. Conta que estudava em uma casa capela antiga. Como naquela época todos os processos eram considerados mais lentos, e considerando que o entrevistado morava e estudava em uma comunidade do interior, demorou mais tempo até que estas implantações chegassem até esta. Nomeava-se alguém para ser o inspetor das escolas, esse era responsável pelo seu bom andamento e por controlar e castigar severamente aqueles que não falavam a língua mãe desse lugar.

Conforme o que o entrevistado lembra da sua vida escolar, “*Vendelino Junges era o chamado inspetor escolar das escolas do antigo Porto Novo. A aula começava às 8 horas e ia até às 12 horas. Aqui, no antigo Porto Novo foi feito um acordo, que sempre se escolheria para inspetor um padre jesuíta*”. Tiveram ao longo da história, diversos inspetores escolares.

Também Welter escreve que, nas salas de aula a atenção deveria estar centrada em seu professor, evitando-se olhar para outra direção ou simplesmente desconcentrar-se. Quem o fazia, estava propenso a ser castigado.

Os tipos de castigo aconteciam de diferentes formas. Alunos se ajoelhavam em cima de grãos de milho e tampinhas de garrafa, com o rosto encostado na parede, cheirando-a. Outra prática comum era bater com uma vara nas mãos e nos dedos. Se havia um penalizado cheirando parede, e fazia qualquer coisinha – o mais comum era de olhar para trás – o professor parava a aula e dava umas palmadas nele. Em caso de ausência do professor, encarregava-se um aluno que anotava os que conversavam. Não podia ser ouvido som oral de algum assunto. Caso houvesse uma conversa, haveria castigo. (WELTER, 2011, p. 37)

Na época a arquitetura das escolas também era pensada para atender ao rigor disciplinar. Não havia educação infantil, pois ainda não reconheciam a sua importância. Também os espaços tempos eram pensados somente para as crianças em fase de alfabetização, sendo que os espaços seriam desapropriados para os pequenos, por conter nessas escolas cadeiras em tamanho maior e materiais e brinquedos pedagógicos para este nível.

A estrutura era pensada com foco na aprendizagem centrada no professor, pois as janelas ficavam bem no alto, a fim dos alunos focarem seu olhar apenas para o professor.

De acordo com o entrevistado, que estudava na escola em Linha Fortaleza, *“A sala de aula dispunha de carteiras e bancos com 3,0 á 3,5 metros de comprimento. Entre as duas carreiras de mesas e bancos, tinha-se um corredor, o qual separava meninas de meninos”*. Conta ainda, que na época *“utilizavam o tinteiro para escrever. Mas só a partir do segundo ano escolar utilizavam esta ferramenta, antes, no 1ª ano, utilizavam uma lousa de pedra. Nesta escola tinha 4 séries, 1ª “dos fracos”, 1ª normal, 2ª e 3ª. As turmas de 1ª séries iam à aula de tarde e os maiorzinhos – 2ª e 3ª séries, frequentavam escola de manhã. Nos sábados eram todas as turmas juntas”*.

Sobre o currículo das escolas neste período, estava o aprender Português, Matemática, História, Geografia e Ciências. Estipulava-se um tempo para cada aula, ou seja, a cada 45 (quarenta e cinco) minutos havia troca de professor em uma sala de aula.

Questionamos o entrevistado sobre o método de estudo, relata que *“usava-se muito pergunta e resposta, e o aluno que não sabia responder saía apanhando. Na época, não existia educação física, o que ocorria é de intervalos serem prorrogados para brincadeiras e jogos das crianças. Iam a pé para a escola, e só usavam o calçado quando chegavam na escola, pois não podia ser gasto”*.

Conta que no ano de 1963, começou a lecionar, porém, sem estudos específicos para isto. Como estava no exercício do magistério, no ano seguinte começou a frequentar um curso preparatório para quem quisesse lecionar.

Ao analisar os dois períodos escolares apresentados até o momento, especialmente quando se faz relação entre estes, percebem-se mudanças nítidas, porém necessárias para que a educação chegasse a ser o que é hoje. Segundo alguns membros de comunidades católicas e alemães, “a comunidade não pode existir sem escola”.

2.3 NUCLEAÇÃO DAS ESCOLAS

Com a ida dos moradores dos interiores dos municípios para os centros urbanos, a diminuição do número de filhos por família entre outros, acabou por diminuir o número das crianças e adolescentes com idade escolar. Devido a falta de alunos, número mínimo estipulado por turma, teve-se de tomar uma decisão que, de certa maneira, abalou as comunidades, porque se acreditava que não poderia existir comunidade sem escola.

A entrevistada, que trabalhou na secretaria de educação na época do início da nucleação das escolas, explica o motivo da redução do número de escolas, sendo que, *“devido a situação financeira, teve-se de ter a ousadia em fechar algumas escolas de centros menores. O Plano Decenal de Educação do Estado envia certo valor por aluno quando se somava certa quantidade dos mesmos. Cada sala/série deveria ter no mínimo 23 (vinte e três) alunos para conseguir se manter”*.

A partir de então, foram fechadas algumas escolas, assim muitos alunos tinham que ir para outras comunidades a fim de buscar o conhecimento. No município de Itapiranga, por exemplo, podemos encontrar diversas construções desocupadas e que já serviram como prédios escolares.

Ainda, nas palavras da entrevistada, *“quando foi feita a nucleação foi uma exigência das comunidades que o prédio da escola ficasse sob responsabilidade da comunidade para uso nas horas culturais, catequese. A prefeitura fez um termo onde constava que a edificação escolar era da comunidade. Inclusive todo o mobiliário ficou disponível para a comunidade, só foram retirados alguns materiais pedagógicos didáticos que ali não seriam utilizados.*

A entrevistada destaca *“Cada comunidade cuidou da edificação que um dia havia servido de escola, conforme seus recursos financeiros e seu entendimento cultural”*.

Novamente, ouvimos esclarecimentos por parte da entrevistada ao relatar que, *“as crianças eram levadas a sua “nova” escola de transporte escolar, pois não se podia permitir que fossem a pé”*.

Muitas escolas simplesmente foram abandonadas e sua estrutura danificada, muitas vezes pela desmotivação que o processo de fechamento da escola causou na comunidade, em decorrência do valor que esta representava.

A entrevistada lembra ainda de que em diversas reuniões na qual se fazia presente ouvia dizer palavras nesse sentido: *“a comunidade perdia a sua identidade”*.

Também entrevistamos uma professora a qual atuava na escola de sua comunidade na época da nucleação, conta que *“a ideia da nucleação partiu do Poder Público e visava principalmente a diminuição de despesas na Educação e melhoria da qualidade de ensino. Ocorreram nucleações praticamente no país inteiro”*.

A professora lembra que *“a comunidade de Linha Chapéu, no primeiro momento simplesmente não aceitou a nucleação”*.

Quando interrogada sobre pontos a favor da nucleação, responde que: *“alunos estudando em turmas de 1ª série só; escolas com mais tecnologias; pessoa específica para fazer trabalhos burocráticos e administrativos (direção, secretaria); menor custo por aluno; transporte escolar para todos os alunos da comunidade; turmas uniseriadas com mais qualidade na aprendizagem; facilitou o trabalho dos professores”*.

Ainda questionamos sobre pontos negativos resultantes da nucleação, e ela responde que: *“distância da residência dos alunos até a escola; esvaziamento das comunidades pequenas; perda de identidade e referência das comunidades sem escola; desinteresse das crianças pela sua comunidade; menor contato dos pais com os professores dos seus filhos; prejuízo à sucessão familiar; mais dificuldades para professores conhecerem as famílias de seus alunos”*.

Também esclarece que *“a adaptação dos alunos foi bastante boa e tranquila para a maioria das crianças”*. No entanto salienta que *“com a nucleação tivemos turmas bastante numerosas, em torno de 30 (trinta) alunos por turma, inclusive na Educação Infantil, isto também gerou algumas dificuldades. Hoje as turmas são menores, tem aulas de reforço, para quem precisa, escola integral, mais educação. Tudo isto leva a uma educação de qualidade para quem tem interesse em aprender”*.

Percebe-se que naquela comunidade, através do trabalho de mediação da professora entrevistada, o processo de nucleação foi tranquilo. Na fala da professora *“até hoje continuo*

fazendo a ponte entre a comunidade e a escola. Eu creio que a comunidade ainda não sentiu muito a perda da escola até hoje”.

As escolas tiveram seus espaços ampliados por receberem os alunos advindos de comunidades vizinhas e também atenderem a educação infantil, que ainda não havia sido citada como algo concreto dentro da escola. Não foi somente o espaço que recebeu ampliação, mas o currículo que passou a contar com Educação Física, Artes, Ensino Religioso e Língua Estrangeira Inglês. Passados alguns anos, viu-se novamente a necessidade de mudanças...quais?

2.4 ESCOLA EM TEMPO INTEGRAL

A Escola de Ensino Fundamental Porto Novo, primeira escola a ampliar o tempo escolar, foi fundada em 22-03-1984 com o objetivo de, antes de mais nada, atender os filhos dos empregados da Safrita, hoje JBS S. A., e também como mais uma escola que oferecia estudo no 1º grau completo, 1ª a 8ª série, pois a Escola Básica São Vicente não conseguia mais atender a demanda de alunos.

Em 2005 houve a implantação de atendimento em período integral nesta mesma escola, o que em muitos casos facilitou a vida de inúmeros pais, que poderiam trabalhar sabendo que seus filhos estavam bem cuidados e estariam aprendendo ao invés de “correrem rua”, como costumavam fazer em tempos anteriores. De acordo com o registro feito no blog da escola Porto Novo, sua filosofia era assim definida, “Escola Humanizadora, pensando valores e inclusão, proporcionando uma Educação Integral”. A ampliação do tempo escolar passa a ser vista, não como somente a possibilidade de abrigar crianças enquanto seus pais trabalham, mas como uma oportunidade de formação integral.

Dessa forma, surge a necessidade de mudanças significativas tanto na estrutura física quanto no pedagógico. Assim, o espaço tempo, na escola Porto Novo, passa por mudanças significativas.

Atualmente, a Escola Fundamental Porto Novo conta com uma ampla estrutura, dispondo de um ginásio coberto para esportes e uma piscina semiolímpica, também coberta. As disciplinas do currículo escolar também se encontram mais abrangentes, incluindo na sua matriz curricular disciplinas, além do núcleo comum, as diversificadas como xadrez, natação dança, entre outros.

Na entrevista realizada com o diretor do educandário na época da implantação do tempo integral, pode-se observar que as oportunidades ofertadas em escolas em período integral, mais precisamente na Escola de Ensino Fundamental Porto Novo, são das mais

diferentes possíveis de se conhecer. *“O currículo da EPI vai além do que é oferecido em uma escola de ensino normal. Fazem parte das áreas de abrangência do currículo formativo da escola: cultura, esporte, na qual percebe-se o desempenho de atividades específicas, diferentes de escolas normais”*.

Quando ainda se planejava a construção da obra (reformas e ampliações) para poderem atender a demanda de alunos em período e formação integral, havia boatos de que isso era só “modinha”. Ao contrário, o que vem sendo comprovado há muito tempo é que a história não foi bem assim.

O entrevistado esclarece que *“a partir de 2012, a escola conseguiu alcançar a nota 7,04 no IDEB. Outro aspecto que dá por caracterização de ser uma ótima escola é a grande procura por matrículas, que sempre conta com lista de espera”*.

Hoje em dia, já vemos a implantação de mais escolas em período integral e com esta, muitas mudanças ocorreram. Nas cidades, por exemplo, os pais ficaram muito satisfeitos em conseguirem fazer com que seu (sua) filho (a) pudesse estar em seus educandários por maior tempo, pois nestes momentos, onde não existe a possibilidade de acompanhamento direto dos pais, as crianças ficavam um turno de seu dia livres e soltos nas ruas, trazendo perigos e acarretando problemas para as famílias. Mas será que este ainda é o principal objetivo da escola em tempo integral? Como estas famílias concebem esta modalidade hoje?

As escolas com seu tempo integral proporcionam às crianças diversas atividades que podem contribuir no aprendizado dos educandos. Contudo surgem vários questionamentos como: se as escolas em tempo integral foram criadas com intuito de deixar os filhos enquanto os pais trabalhavam, como este processo é entendido pelas famílias rurais? A ampliação do tempo compreendida somente para atender a esta necessidade está em desacordo com as necessidades das famílias rurais? Então, qual a finalidade da ampliação do tempo escolar? Será que atende a formação integral, o que alegam estar acontecendo? Para fazer a formação integral, basta apenas ampliar o tempo? As mudanças no currículo, no espaço? A necessidade de, a partir da ampliação do tempo, reestruturar o espaço para garantir a formação integral está acontecendo de forma devida? Será que as famílias rurais compreendem a importância da escola em tempo integral?

Buscamos a opinião de uma mãe, presidente da APP da Escola Municipal Integral Rural Oscar Puhl. Nas palavras da entrevistada, *“Vejo a escola em tempo integral como algo inovador, uma maneira diferenciada dos alunos adquirirem conhecimento que certamente vai contribuir para sua vida como cidadãos. A ampliação em tempo escolar deve sim existir, mas com um olhar diferenciado para com as escolas do interior dos municípios, pois nestes a*

agricultura predomina, passando de uma geração para outra e só se faz isso com a prática do dia a dia”.

Questionada sobre as vantagens da escola em tempo integral, destaca “*A aprendizagem, o domínio que vão tendo para conviver com as diferenças. Outro fato interessante é o de que as crianças estão o dia inteiro num local seguro. Sendo cuidadas e orientadas por profissionais preparados”.*

Acredita-se que com o passar dos anos venha a ser intensificada a construção de valores, tanto éticos como os de ordem social, e a escola com essa modalidade de ensino ganhará seu verdadeiro valor perante a sociedade como um todo. Para tanto é muito importante que o professor e o gestor compreendam a necessidade de mudanças, não somente na organização física, mas principalmente na organização didático pedagógica.

Os alunos, com maior tempo na escola, terão oportunidades de ter um novo currículo, agora também abrangendo atividades culturais, esportes, jogos, dança, entre outros. Serão ofertadas disciplinas diferentes das comuns, mas estas continuarão a existir. As metodologias aplicadas deverão constar no PPP da escola, o qual deverá estar á disposição da comunidade em geral para esclarecimento de qualquer dúvida que possa surgir.

Há na nossa língua uma belíssima palavra que se chama aprendizagem. Alguém que ensina, e logo alguém que aprende. Todos tem certa dose de criatividade, mas ninguém é tão criativo que descobre tudo, sem que alguém o ajude, sendo um mediador. Entretanto, um educador pode incorrer num erro ao deixar ou dar tudo pronto aos seus alunos. Muitas vezes é melhor deixar á eles a alegria da descoberta [...]. (WELTER, 2011, p. 61)

É de conhecimento da grande maioria da população que, como outras instituições, a escola tem um papel social importantíssimo a cumprir. É também na escola que se aprende e se ensina sobre valores, e mais, muitas vezes o filho vem de casa sem a educação que lhe deveria ser ensinada e cobrada na sua vivência familiar, desde o berço. Também considera-se fundamental instigar nos(as) alunos(as) a autonomia, para que realmente possam projetar e trilhar seus caminhos.

Não podendo ser diferente, como foi ampliado o tempo de permanência dos alunos(as), em compensação a isto, precisa ser ampliada e melhorada a sua estrutura, de modo a garantir um maior espaço para que as crianças possam realizar suas tarefas, que também são ampliadas.

Questionamos o diretor que implantou o tempo integral na Escola Porto Novo, se com a experiência desta escola, concorda com a ampliação do tempo escolar. Ele afirma que concorda totalmente com o projeto de tempo integral.

Ainda, segundo o entrevistado, *“o ensino em tempo integral amplia as oportunidades”*. No entanto considera que *“o principal objetivo da ampliação do tempo escolar é para fins de desenvolvimento e formação humana integral dos alunos. É preciso criar a necessidade”*.

Segundo a atual gestora desta escola, *“Vejo que são muitas as oportunidades ofertadas na escola em tempo integral. Primeiramente, o aluno tem acesso a várias disciplinas, diferentes formas de cultura e métodos de aprendizagem. Tem contato com a parte cultural: teatro, artes, música, tem contato com a história local, a parte da geografia. Temos também jogos, tecnologias, línguas: alemão inglês e literatura, além do que o currículo normal oferece. Na disciplina de educação física, nas habilidades motoras, temos a natação como um diferencial. Então, são inúmeras as oportunidades que a escola oferece”*.

Ainda enfatiza que *“Os ganhos são muitos. Primeiro em educação e aprendizagem justamente por ser um currículo diferenciado, não só pelo tempo estendido na escola, em que os alunos permanecem na escola, mas sim pela vivência que eles têm”*.

A fala da gestora vem de encontro com que Assmann (2007, p. 234) escreve *“o bom uso pedagógico do tempo consiste na transformação dos tempos cronológicos, mesmo com a ajuda da compactação desses tempos pela mídia eletrônica, em tempos vivos da experiência do conhecimento”*.

A gestora ainda comenta: *“Atualmente, a Escola Fundamental Porto Novo chega a seus 10 anos de funcionamento como sendo integral. E, hoje sim, a escola pode dizer que está estruturada muito bem tanto fisicamente como pedagogicamente. Inclusive o currículo, por que não tem a base comum apenas, mas sim há disciplinas interligadas, há estas que é o exemplo de: xadrez, música, dança, natação, teatro, literatura, tecnologias, lego. A estrutura física dispõe de refeitório adequado, salas climatizadas, ambientes preparados como laboratório de informática, sala de literatura, brinquedoteca, sala de música, sala de xadrez, ambientes preparados para receber estas crianças e buscando fazer da disciplina algo atrativo”*.

Segundo Escolano (1998, p. 45),

A arquitetura escolar pode ser vista como um programa educador, ou seja, como um elemento do currículo invisível ou silencioso, ainda que ela seja, por si mesma, bem explícita ou manifesta. A localização da escola e suas relações com a ordem urbana das populações, o traçado arquitetônico do edifício, seus elementos simbólicos próprios ou incorporados e a decoração exterior e interior respondem a padrões culturais e pedagógicos que a criança internaliza e aprende.

No entanto, vale lembrar que a estrutura por si só não garante a aprendizagem e formação integral, e segundo Assmann (2007), a escola precisa criar e recriar condições para

que os aprendentes (professor e aluno) possam se sentir em estado de apaixonamento por aquilo que lhes irá proporcionar vida.

Na entrevista o presidente da APP da Escola de Ensino Fundamental Porto Novo afirma que vê as oportunidades como sendo boas, nem todos os pais conseguem colocar seus filhos na escola em Tempo Integral, mas os que conseguem aproveitam o máximo. *“Sou privilegiado, pois meus filhos estudam numa escola em Tempo Integral. Concordo com a ampliação do tempo escolar, pelo fato do estudo no geral em nosso país ser muito fraco. Assim as crianças ficam mais tempo na escola estudando”*.

Quando questionado sobre desvantagens da escola em tempo integral, relatou: *“Não consigo ver desvantagens, pois se tivesse não os deixaria ali”*.

Para fazer um contraponto com a escola integral rural, entrevistamos a professora responsável pelo programa Mais Educação da escola em tempo integral rural Oscar Puhl. Ao ser questionada sobre as vantagens da ampliação do tempo escolar, afirma: *“Acredito que a escola em tempo integral é uma ótima oportunidade para os alunos, pois não é apenas uma ampliação do tempo, mas também de aprendizado, pois no turno integral são oferecidas aulas que vão além da grade curricular regular, valorizando os saberes e peculiaridades da cultura local, valorizando ainda, os interesses dos alunos e da comunidade escolar”*.

Também perguntamos o que a escola oferece de diferencial, ao que responde: *“A ampliação do tempo escolar oferece aos alunos oportunidades de desenvolver habilidades específicas, como música, dança, esportes, aprendem a lidar com a terra, cultivar plantas, entre outros”*.

Questionado sobre possíveis pontos negativos, relata: *“Para a família, muitas vezes, acaba influenciando de forma negativa, por se tratar de famílias de agricultores, os filhos se distanciam da propriedade e a família se distancia da sua responsabilidade com a aprendizagem.*

Sobre os espaços e materiais didáticos disponíveis, destaca: *“A nossa escola possui um espaço físico muito bom para as diversas atividades que são realizadas. Com o suporte do Programa Mais Educação, também se torna possível aos poucos, adquirir os materiais didático pedagógicos necessários para o bom desenvolvimento das atividades”*.

A gestora do educandário rural que está contemplada com escola em tempo integral, quando questionada sobre aceitação das famílias, atividades realizadas com esses alunos, sobre estrutura física, materiais pedagógicos, nos diz que *“Com a escola Integral, reorganiza-se os espaços escolares, os conteúdos, métodos e isso tudo acaba se tornando um grande desafio, tanto para os professores como para os educandos”*.

Também questionamos sobre como ela percebe a opinião dos pais com relação a escola em tempo integral. *“Aos pais fica a certeza de que seus filhos estão num espaço onde há professores dedicados que estão ensinando seus filhos e os atendendo nas suas diferentes dificuldades. E que além das aulas do Currículo Regular há oportunidades de aprender e desenvolver práticas que irão apoiá-los depois quando já maiores ou adultos. Destaco o espaço privilegiado, oportunizando dessa forma a realização de diversas atividades dentro e fora do espaço escolar. O currículo também oportuniza a realização de diferentes atividades, onde o aluno possa estar desenvolvendo suas habilidades e competências”*.

Os espaços internos e externos da escola se constituem em aspectos importantes no processo ensino-aprendizagem. O espaço escolar vai muito além da sala de aula, abrange múltiplos espaços internos e externos.

É preciso, além disso, tempo para a formação de professores, o planejamento, a prática do “sentar” e refletir, o diálogo. Segundo Veiga (1995, p. 30) *“É preciso tempo para que os educadores aprofundem seu conhecimento sobre os alunos e sobre o que estão aprendendo. [...] É preciso tempo para os estudantes se organizarem e criarem seus espaços para além da sala de aula”*.

E segundo a gestora: *“O Profissional da Educação sempre está inovando, buscando novidades, novas formas de ensinar, portanto, cabe a cada um de nós irmos atrás do material, confeccionar, sermos criativos, pesquisar novos recursos.*

Como afirma também o diretor responsável pela implantação do tempo integral na Escola Porto Novo: *“É preciso criar a necessidade”*.

A partir das entrevistas e leituras, amplia-se a visão sobre espaço e tempo escolar. Mas, enfim, o que vivenciamos e esperamos da educação no século vinte e um?

3 CONCLUSÃO

No decorrer desta pesquisa busca-se conhecer e refletir sobre **Espaço tempo escolar: da escola comunitária à escola em tempo integral**. No período de transição, entre escolas comunitárias às escolas em período integral, muitas coisas foram modificadas. Entre essas os currículos, os horários, a localização, a estrutura física entre outros.

O assunto abordado, como sendo de cunho teórico empírico e histórico acaba sendo deixado “na gaveta”. Assim, busca-se por meio deste trazê-lo em evidência para que mais pessoas possam se inteirar do que aconteceu e ainda acontece no processo educacional, mais especificamente na escola.

Os alunos vão para a escola para aprender e para isto é de crucial importância que o local seja adequado, ofertando condições favoráveis para o convívio e a aprendizagem.

Considera-se este trabalho como inconcluível, pois como já se refere o termo, é algo que não é possível se concluir, aparecendo sempre novas considerações, ideias, perspectivas de diferentes olhares, diferentes pontos de vista; analisa-se a grandeza dos avanços ocorridos na área da educação.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a Educação rumo a sociedade aprendente**. Petrópolis; Vozes, 2007.

EIDT, Paulino. **Porto Novo: da Escola Paroquial ao Projeto de Nucleação**. Ijuí: Unijuí, 1999.

ESCOLANO, Augustín. Arquitetura como programa. Espaço-escola e currículo. In: FRAGO, Antonio Vinão; ESCOLANO, Augustín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998, p. 21-57.

JUNGBLUT, Roque. **Porto Novo: um documentário histórico**. Porto Alegre: Letra e Vida, 3. ed. 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: **Pesquisa social: teoria, método e criatividade** | Suely Ferreira Deslandes, Otávio Cruz Neto, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (org.). Petrópolis, RJ; Vozes, 5.ed. 1996.

PINTO, Maria Raquel Barreto. **Tempo e espaços escolares: o (des) confinamento da infância**. In: QUINTEIRO, Juricema; CARVALHO, Diana Carvalho (org.). Araraquara, SP: Junqueira e Marin; Brasília DF, CAPES, 2007, p. 91-112.

PORTO NOVO, Escola de ensino Fundamental. **BLOG - Histórico da escola**. Disponível em: <http://epiportonovo.blogspot.com.br/p/histórico-da-escola.html>. Acesso em: 09 jun. 2015.

ROHDE, Maria W. **Espírito pioneiro: A herança dos antepassados**. Itapiranga; Porto Novo, 1996.

STRIEDER, Roque. **Diretrizes para elaboração de projetos de pesquisa**. Joaçaba; Unoesc, 2009.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Projeto Político-Pedagógico da escola: uma construção coletiva. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Projeto Político-Pedagógico da escola: uma construção possível**. Campinas (SP): Papirus, 1995.

WELTER, Nelmo. **Flores e pedras no desabrochar de uma cultura**. Itapiranga: Porto Novo, 2011.